

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Girl Without a Voice*

Autora: *Casey Watson*

Copyright © Casey Watson, 2014

Edição publicada originalmente em língua inglesa por HarperCollins Publishers Ltd.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Paulo Emílio Pires*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha / Editorial Presença*

Paginação: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo - Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 395 332/15

1.ª edição, Lisboa, agosto, 2015

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Este livro é dedicado a todos os que trabalham com crianças.
Tenho a maior admiração por todos aqueles que procuram fazer
a diferença na vida dos que precisam de alguém que os ouça.*

CAPÍTULO UM

Há empregos e empregos, e o meu tipo de emprego preferido sempre foi aquele em que acordamos na segunda-feira de manhã sem saber o que a semana nos reserva.

Precisamente o tipo de emprego que eu *tinha*, pelo que era sem dúvida uma bênção que a minha vida doméstica fosse, por contraste, tão previsível.

— Mã-eee! — clamou, no andar de cima, a voz queixosa da minha filha. — Não consigo encontrar o meu outro sapato preto! Tenho de sair daqui a cinco minutos e não o encontro em lado nenhum! Viste-o? *De certeza* que alguém o tirou do sítio!

Abanei a cabeça e suspirei. Aquilo era mesmo típico da Riley. Estava agora com 18 anos e parecia-se imenso comigo em muitos aspetos. O mesmo cabelo preto, a mesma gargalhada, o mesmo gosto musical e de moda. Mas havia um ponto importante em que diferíamos por completo. Enquanto a minha missão na vida era tentar fazer do mundo um lugar mais arrumado, a Riley revelava-se o oposto: era provavelmente a pessoa mais desorganizada que eu conhecia. Não me era difícil imaginar por onde andaria o outro sapato. Como sempre, estaria no sítio para onde tinha voado da última vez que ela o descalçara.

Ainda assim, dirigi-me ao andar de cima, já que dispunha de uma hora até ter de sair para ir trabalhar, enquanto ela só tinha mesmo cinco — não, quatro — minutos. Arranjara um ótimo emprego depois de acabar a faculdade, e estava a gostar imenso.

Trabalhava numa agência de viagens, o que, segundo ela, lhe dava todos os dias «aquela sensação de férias». Mas não eram férias — havia uma hora de saída e, ainda mais pertinente agora, uma hora de entrada. Felizmente para ela, tinha um chefe compreensivo.

Eu ia já a meio das escadas quando a vi aparecer no patamar.

— Está tudo bem — disse ela, saltitando enquanto enfiava o sapato desaparecido no outro pé. — Acabou-se o pânico. Alguém lhe deve ter dado um pontapé e atirado para debaixo da minha cama.

— Hã... desculpa?! — repreendi-a enquanto ela descia ao meu encontro. — Alguém? E quem terá sido esse alguém?

Como resposta, plantou-me um beijo na face e saiu disparada porta fora, a segundos de ainda conseguir apanhar o autocarro. Acenei a despedir-me dela, ao mesmo tempo que pensava, não sem uma ponta de melancolia, como seria ter outra vez 18 anos e ir a caminho do emprego sem nada que me preocupasse.

As crianças do meu mundo eram muito diferentes. Enfim, melhor dizendo, aquelas com quem passava os meus dias de semana. Trabalhava como gestora de comportamento numa grande escola secundária de um bairro degradado, pelo que as crianças que me encaminhavam eram o oposto da despreocupação. Eram colocadas comigo pelas mais variadas razões, mas tinham em comum o facto de não conseguirem lidar com o ambiente de uma escola do ensino regular. A minha tarefa, para além de lhes proporcionar um espaço seguro onde conseguissem trabalhar, era avaliá-las e decidir qual a melhor estratégia a adotar, o que podia implicar aconselhá-las, ensinar-lhes técnicas de adaptação e/ou, nalguns casos, referenciá-las a entidades externas com capacidade para as ajudar, como conselheiros profissionais e psicólogos clínicos. Umhas vezes era tão simples quanto formular um currículo alternativo temporário, mas outras revelava-se um trabalho longo e difícil — quando as dificuldades de uma criança eram demasiado graves para serem resolvidas no seio de um estabelecimento do ensino regular, por exemplo, isso podia significar transferi-la para um internato dotado de instalações e pessoal adequados às suas necessidades. E, em situações extremas, como as das crianças em risco, tornava-se necessário entregá-las aos serviços sociais.

Em qualquer dos casos, era um trabalho repleto de desafios, sem nada de enfadonho. Aliás, o número crescente de alunos que me tinham sido encaminhados nos seis meses desde que ali chegara tornava-o por vezes bastante stressante.

Com a Riley a caminho do emprego, restávamos apenas eu e o meu filho Kieron em casa, já que o Mike, o meu marido, que trabalhava como gestor de uma empresa de armazenistas, há muito que saíra. E, queria-me parecer, era em casa que o Kieron iria passar quase todo o dia. A vida não estava a ser fácil para ele naquele final de setembro, três semanas após o início do novo ano escolar. Tinha agora 16 anos e deixara a escola em junho sem qualquer plano traçado. Com os amigos de regresso à escola ou à faculdade, ou mesmo a trabalhar, sentia-se um tanto desenraizado — a alteração da rotina diária tinha-o perturbado muito. O Kieron tem síndrome de Asperger, uma forma suave de autismo, pelo que lhe é difícil lidar com a mudança, e a grande questão — tentar a faculdade, arranjar um emprego ou fazer um estágio — estava ainda por decidir e constituía um enorme peso para ele.

Tal como para nós, e assim continuaria até o próprio Kieron perceber qual o caminho mais indicado — algo que não valia a pena apressar. Uma decisão irrefletida que viesse a revelar-se errada apenas serviria para o enervar ainda mais.

De modo que tínhamos de ser pacientes. E naquele momento tinha outras coisas com que me preocupar. Beber uma última chávena de café, deixar qualquer coisa encaminhada para o jantar na panela elétrica e garantir que a casa ficava com a aparência com que queria encontrá-la quando chegasse, ao final do dia.

Assim o esperava, pelo menos. Dei uma engraxadela aos sapatos antes de os calçar e fiz uma careta diante do meu reflexo no espelho do corredor. Aquela era a grande desvantagem de fazer o que fazia — ter de me apurmar tanto para o fazer. Saia e casaco pretos e elegantes, meias pretas, sapatos reluzentes. E uma blusa de riscas impecavelmente engomada — não era de todo o meu género! Sempre fui muito mais do tipo calças de *jogging* e *T-shirt*, e de apanhar o cabelo rebelde de qualquer maneira num rabo de cavalo, do que uma mulher que gosta de passar horas em frente ao espelho de secador em punho e tem de usar maquilhagem o dia inteiro.

Mas não tinha alternativa, pelo menos se queria ser encarada como uma profissional. Parte do meu trabalho implicava reuniões com outros profissionais — diretores de escolas, conselheiros escolares, assistentes sociais, psicólogos educativos —, pelo que não tardei a aprender as regras da indumentária. Se queria ser levada a sério, tinha de me vestir de modo a causar boa impressão — um sacrifício bastante desconfortável para alguém como eu. Preferia passar o meu tempo com cem adolescentes insubordinados a estar sentada a uma mesa de reuniões com adultos daquele calibre. Embora necessário, achava-o intimidante.

Como sempre, contudo, todo e qualquer pensamento não diretamente relacionado com o trabalho se desvaneceu da minha mente assim que cruzei os portões da escola e fui saudada pela habitual cacofonia de gritos e guinchos que era sinónimo das manhãs de segunda-feira.

— Bom dia, professora, passou um bom fim de semana?

— Professora! O Brandon Smith anda a dizer mentiras sobre mim!

— Mrs. Watson, hoje posso ficar consigo em vez de ter Educação Física?

Sorri à pequena multidão que ameaçava engolir-me e apontei para o enorme relógio de parede.

— Temos muito tempo para pôr todos os assuntos em dia daqui a pouco — assegurei ao grupo que me rodeava. — E sim, passei um bom fim de semana, obrigada, mas agora está na hora de irem responder à chamada. — Sorri-lhes. — E adivinhem de que é que eu estou a precisar?

— De café! — entoou o coro de crianças enquanto dispersava.
— De café, professora, precisa de tomar o seu café!

Não se tinham enganado. A minha paixão por café era quase tão conhecida como o meu amor por introduzir ordem no caos. Não que a sala de professores fosse propriamente um caos, mas também não era nenhum primor de arrumação. Sabia que era alvo regular de sussurros e de olhares estranhos quando me punha a limpar salpicos e a polir colheres de chá na área reservada à preparação de bebidas, a um dos cantos da sala. E muitas vezes também ficava para trás, depois do toque da campainha, a sacudir almofadas e a endireitar

jornais e revistas. Nunca ninguém o disse — enfim, não a mim, pelo menos —, mas tenho quase a certeza de que todos sabiam que era obra minha.

Quando entrei, a sala tinha o habitual ar de evacuação repentina, com os professores ali reunidos — geralmente uns 25 àquela hora do dia — a caminho das respetivas salas para procederem à chamada. Eu, pelo contrário, ainda dispunha de meia hora, pois os alunos que estavam atualmente comigo só iriam para a minha sala depois disso, por volta das 9h30. Fiz o meu café, procurando resistir ao impulso de lavar igualmente a louça, tarefa aliás ridícula, já que havia uma senhora cujo trabalho era precisamente vir tratar disso enquanto decorriam as aulas. Mas para mim era um desafio deixar tudo assim.

Todavia, resisti. Fosse como fosse, tinha muito que fazer. Havia os planos de aulas das crianças da minha unidade — atualmente cinco — para concluir, além de alguma papelada do dia anterior para preencher. Todos os dias fazia uma entrevista de «espaço vital» com cada uma das crianças a meu cargo. Era um desses neologismos agora muito em voga, mas significava simplesmente iniciar uma conversa com cada criança e ficar a ouvi-la. Enfim, não apenas a ouvi-la — a ouvi-la «ativamente», ajudando-a a abrir-se recorrendo a incitamentos como «Isso deve ter sido muito perturbador para ti» ou «O que aconteceu a seguir?».

E, a julgar pela minha experiência com algumas das crianças que até aí me tinham passado pelas mãos, a resposta podia ser *de tudo*. Coisas de pôr os cabelos em pé a qualquer um.

O meu gabinete ficava no piso térreo de um dos dois edifícios da escola, o mesmo que albergava a maior parte dos serviços administrativos e ainda os departamentos de arte, desporto e teatro. O segundo edifício, ligado ao primeiro por um longo corredor e pelo refeitório principal, era onde se situava a maior parte das salas de aula normais.

Contudo, «gabinete» talvez fosse uma palavra demasiado sofisticada para a minha nova sala. Na verdade, tratava-se de uma velha sala de aulas minúscula, desocupada há muito, que servira outrora

de sala de apoio educativo. Nessa altura, acolhia cerca de 15 alunos e, da primeira vez que a vi, continha apenas algumas mesas e cadeiras e um velho quadro de ardósia. O diretor, Mr. Moore, ficara surpreendido por eu a ter preferido às alternativas que me mostrara, entre elas um gabinete amplo e arejado usado em tempos por Mr. Brabbiner, o subdiretor, e uma sala de aula tipo laboratório com enormes carteiras fixas, um quadro interativo e uma área separada para gabinete.

Mas não. Era aquela que eu queria. Embora estivesse suja e sombria quando a vi, apercebi-me de imediato do seu enorme potencial, resultante sobretudo das portas envidraçadas. Em bom rigor, tratava-se de uma saída de incêndio, mas dava para uma encantadora zona relvada e, melhor ainda, não havia qualquer regra que obrigasse a manter as portas fechadas. Resumindo, a sala tinha um jardim, o que me conquistou de imediato, de tal forma que pedi para vir duas semanas antes de iniciar funções para deixar o espaço devidamente limpo e organizado.

Olhei para a sala agora e sorri. Era mesmo a minha casa fora de casa. Tinha formado um «L» com algumas mesas e criado uma área para mim, e era aí que guardava algumas chávenas e uma cafeteira e tudo o que precisava para fazer bebidas, além de uma tosteira e daquilo por que depressa me tornei conhecida — por ter sempre, mas *sempre*, um fornecimento de bolachas.

Tinha pedido ao contínuo que pintasse toda a sala num tom amarelo luminoso (a cor mais garrida que a direção permitia) e fizera umas molduras coloridas que pendurara nas paredes para acolher as obras de arte que certamente começaria a receber em breve. Já a pensar no jardim (também tinha planos ambiciosos para ele), criei igualmente uma área para vasos e plantas. Foi mais uma iniciativa que me valeu uns quantos olhares expressivos de alguns colegas, ao verem-me carregar sacas de adubo pelos corredores.

Por fim, instalei um rádio, e de uma área de relaxamento nasceu uma minibiblioteca, com a respetiva mesinha baixa e pufes de padrões garridos.

Só a seguir dispus as mesas de estudo e as cadeiras, ao centro, no espaço que ainda restava disponível para o efeito. Era uma

sala de aula, claro, mas também muito mais do que isso. Destinava-se a ser um lugar onde as crianças com problemas pudessem descontraír e sentir-se à vontade, qualquer que fosse o motivo para estarem no meu «gabinete». O que fazia toda a diferença. Era tão mais fácil conversar com uma criança descontraída do que com uma enervada que, embora tenha estremecido ao ver quanto do meu parco orçamento fora já gasto, não me senti culpada. Senti-me, isso sim, legitimada. Tinha feito do espaço aquilo que ele devia ser.

O meu bando de «clientes habituais» chegou com o alvoroço do costume. Os miúdos iam e vinham, naturalmente — alguns ficavam comigo apenas durante uma aula ou duas —, mas em qualquer semana havia uns quantos que estavam ali a tempo inteiro. Nesta altura, tinha cinco desses, e não podiam ser mais diferentes uns dos outros. Havia três do 7.º ano — novos na escola e, por um motivo ou por outro, ainda a tentar ambientar-se — e dois do 8.º, ambos vindos para junto de mim no último período.

O primeiro a chegar, e também o mais problemático, foi o Henry. Com 13 anos, estava em risco de expulsão permanente devido ao seu feitio indisciplinado e muitas vezes violento. Já tinha sido expulso da sala de aula por quase todos os professores, e a colocação na minha «Unidade» (o nome não era do meu agrado — detestava rótulos, mas este já estava bem enraizado) era uma tentativa de último recurso para tentar que estabilizasse o suficiente para poder manter-se no ensino regular.

Esta manhã, felizmente, parecia bastante animado.

— Tudo bem, professora? — saudou ele, saltitando sala adentro e largando a mochila já muito surrada em cima da mesa mais próxima.

— Estou ótima, Henry — respondi-lhe. — E tu pareces todo contente. Tiveste um bom fim de semana?

— Foi *épico*, professora.

O problema do Henry com o mundo parecia radicar na falta de empatia. Era o mais novo de cinco rapazes, a viver com uma mãe dependente dos subsídios — não havia qualquer pai no cenário —, e dava a ideia de estar a debater-se com o seu lugar na hierarquia doméstica. Por razões óbvias, nunca recebera senão coisas

em segunda mão (roupas e brinquedos), o que só por si não queria dizer que estivesse emocionalmente marcado — longe disso; muitos miúdos tinham pouco ou nada e estavam ótimos. Mas o Henry não estava nada bem. O seu principal problema parecia residir no facto de ser o menor da família, impiedosamente tratado pelos irmãos mais velhos. Depois, claro, vinha para a escola cheio de fúria, que transferia para as crianças mais novas ou mais pequenas do que ele. Também andava sempre descuidado e sujo, o que era outro dos seus problemas. Uma das coisas que eu já tinha conseguido apurar era que havia um professor em concreto que tendia a emburrar com ele, envergonhando-o diante dos outros alunos. De facto, o primeiro sinal de que talvez viesse a conseguir alguns progressos com o Henry surgiu quando ele me confidenciou que esse professor o tinha humilhado diante de toda a gente. «Sei sempre quando entraste na aula, Henry, porque não tarda a sentir-se um mau cheiro», dissera-lhe ele.

Mas naquela manhã parecia animado, satisfeito com o que fora visivelmente um bom fim de semana, e não tive dúvidas de que se preparava para me explicar o porquê de ter sido tão «épico». Só que, nesse preciso instante, entrou outro membro do meu atual trio de rapazes, o qual, havendo uma qualquer importante vitória futebolística para discutir, lhe prendeu de imediato a atenção. O Gavin, que tinha 11 anos e era novo na escola, sofria de PHDA¹; estava a tomar *Ritalina* e fora-me enviado para um período de «acalmia» de dois meses, para tentar melhorar o comportamento e a concentração.

O terceiro a chegar foi o Ben, que era novo tanto na escola como na zona. Como tinha sido expulso da escola anterior antes do final do último ano escolar, estava fora do sistema educativo há seis meses. A mãe morrera pouco depois de ele nascer, pelo que vivia com o pai e, por milhentas razões, estava quase sempre zangado. O meu trabalho com o Ben, a curto prazo, era simplesmente avaliá-lo, para que fosse possível traçar uma estratégia que ajudasse a tranquilizar aquela sua alma irrequieta.

¹ Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção. (NT)

E o Ben não era a única criança a ter perdido um ente querido. Também a Shona — uma doçura de 12 anos — perdera ambos os pais, mortos num acidente de viação quando regressavam a casa vindos do aeroporto, após uma breve segunda lua de mel em que tinham deixado a Shona, filha única, entregue ao tio, à tia e aos primos.

A miudita, que estava, compreensivelmente, a ter dificuldades em lidar com a situação, viera para junto de mim pouco depois de eu ter iniciado funções. Claro que sentia imensa pena dela, mas era um caso em que, pelo menos, parecia haver alguns progressos. Desde a chegada da Molly — outra aluna nova com algumas dificuldades de aprendizagem — que parecia ter encontrado um novo interesse e objetivo. Ajudar a Molly, alvo dos *bullies* desde a sua chegada à escola, há três semanas, trazia aparentemente alguma luz aos dias tristes e sombrios da Shona.

Entraram lado a lado, como sempre faziam, e ambas me sorriram enquanto pousavam os casacos e as mochilas. Mas desta vez vinha uma terceira pessoa atrás delas — Donald Brabbiner, o subdiretor.

— Tem um minuto, Mrs. Watson? — perguntou ele, fazendo-me sinal para o seguir até ao corredor.

— Com certeza — respondi, voltando-me automaticamente para as crianças. — Podem ir-se preparando — disse-lhes. — Vamos continuar com aquilo que estávamos a fazer na sexta-feira, portanto comecem a tirar o material. *Sem barulho.*

Segui o Don até lá fora, sorrindo para mim própria ao ver os três rapazes fazerem de imediato aquela expressão vagamente assustada de «Oh, meu Deus, que foi que eu fiz desta vez?». O Don era um excelente subdiretor e inspirava respeito em toda a escola. Além disso, como estava no cargo há já vários anos, era também uma espécie de lenda.

Sáímos para o corredor e puxei a porta atrás de mim.

— Algum problema?

— Não, não — tranquilizou-me ele, sorrindo. — Nada de preocupante. Só queria saber quantos é que tem hoje consigo. São só estes cinco?

Fiz um aceno afirmativo.

— Mas acho que tenho mais uns quantos a seguir ao almoço. Porquê?

— Porque temos uma nova aluna... uma miudita de 13 anos. Chama-se Imogen. É nova tanto na zona como na escola, e tudo indica que tenha de vir diretamente para junto de si. Deve chegar durante a próxima hora... acho que são os avós que a trazem. Pedilhes que tentassem chegar antes do primeiro intervalo.

— E já sabe mais alguma coisa?

— Nem por isso — respondeu o Donald. — Para ser sincero, foi tudo muito em cima da hora.

— Não há problema. Aposto que não tardaremos a saber, não é verdade? Que tal eu ir até ao seu gabinete quando eles chegarem? Poderemos sentar-nos todos e conversar um pouco.

— Pois... — volveu o Donald, abanando a cabeça. — Conversar é coisa que *não* poderemos fazer com ela. Aliás, é por esse motivo que precisa de vir para a sua Unidade.

— Não estou a perceber — disse eu, sorrindo. — Que se passa com ela... é alguma fera?

O Don fez que não com a cabeça.

— Mas confesso que é uma situação estranha — acrescentou. — Para ser franco, é a primeira vez que me deparo com algo do género.

— Como assim?

— Não fala.

— O quê, de todo? — perguntei, confusa. — É incapacitada?

— Aparentemente não. Apenas não fala em determinadas situações. Creio que se chama mutismo seletivo. Só que, de momento, parece que falta a parte do «seletivo». Há já algumas semanas que não diz nada. Nem uma palavra.

Ora, ora. Ali estava um fenómeno com que também nunca me tinha deparado. O meu trabalho implicava muitas vezes lidar com o problema oposto e, embora também tivesse casos de crianças tímidas, que precisavam de uma ajudinha para sair da casca, uma criança que não dizia absolutamente nada era algo bem diferente.

Voltei para a minha «Unidade» e olhei para os meus atuais pupilos, os quais, como seria de esperar, se atropelavam a cochichar

ou a tagarelar uns com os outros. Isto até me verem e fazerem um esperado silêncio — um estado de coisas que qualquer pessoa que trabalhe numa escola se deve esforçar por alcançar com facilidade.

Que estranho, pensei, ter a meu cargo uma criança em que se pretende provocar o efeito oposto. Bom, logo se veria. Este meu trabalho podia não ser como o da Riley, em que «todos os dias são férias», mas era sem dúvida uma aventura permanente.